



DOSSIÊ

**“O sexo é impenetrável”**

Um breve ensaio de leitura
(in)disciplinada

Wagner de Avila Quevedo, *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, IFRJ.*

Resumo. Partindo de uma observação instigante de José Miguel Wisnik sobre a carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade a Manuel Bandeira, o texto pretende discutir algumas estratégias discursivas de elaboração e enunciação da sexualidade em regimes de rechaço da dissidência. O caso suscita a hipótese de um desejo de poder que opera pela extirpação do dado incontornável da sexualidade para pessoas *queer* que articulam seus projetos em função de uma autoria, sobretudo quando a posterior narrativa histórico-filosófico-literária visa ao enquadramento dessa autoria num cânone. A revelação tardia da carta jogou luz sobre um ambiente em que o rechaço aparece como justificativa de um desejo de sigilo, com a presunção de salvaguarda jurídica da memória e da história. O caso pode ser pensado como um progressivo e eloquente apagamento das marcas localizadas de sujeito de um cânone no estabelecimento do que deixa como legado. Se “o sexo é impenetrável”, na expressão de Wisnik, isso também diz da opacidade daquilo que é capturado na interpretação de obras articuladas por sujeitos dissidentes investidos na função de autor. Ao final, descobre-se a bem-sucedida estratégia poética de Mário de Andrade, que manipula o silêncio para dizer de si o que é interdito pelo discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Autoria. Mário de Andrade.



*Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio
preso à pata, voltava ao posto de espera.*

Lygia Fagundes Telles, *A disciplina do amor*.

Introdução

Partindo de uma observação instigante de José Miguel Wisnik sobre a carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade a Manuel Bandeira, o texto pretende discutir algumas estratégias discursivas de elaboração e enunciação da sexualidade em regimes de rechaço da dissidência. O caso suscita a hipótese de um desejo de poder que opera pela extirpação do dado incontornável da sexualidade para pessoas *queer* que articulam seus projetos em função de uma autoria, sobretudo quando a posterior narrativa histórico-filosófico-literária visa ao enquadramento dessa autoria num cânone. A revelação tardia da carta jogou luz sobre um ambiente em que o rechaço aparece como justificativa de um desejo de sigilo, com a presunção de salvaguarda jurídica da memória e da história. O caso pode ser pensado como um progressivo e eloquente apagamento das marcas localizadas de sujeito de um cânone no estabelecimento do que deixa como legado. Se “o sexo é impenetrável”, na expressão de Wisnik, isso também diz da opacidade daquilo que é capturado na interpretação de obras articuladas por sujeitos dissidentes investidos na função de autoria. Ao final, descobre-se a bem-sucedida estratégia poética de Mário de Andrade, que manipula o silêncio para dizer de si o que é interditado pelo discurso.

Sobre sigilos e sequestros

Em junho de 2015, a *Controladoria Geral da União* acatou pedido do biógrafo Marcelo Bortoloti para que a *Fundação Casa de Rui Barbosa* disponibilizasse a íntegra de uma carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, datada de 07 de abril de 1928 (BOECKEL, 2015; BORTOLOTI, 2015). Publicado em 1966, o documento sofreu cortes em sua edição (cf. MORAES, 2000, p. 385-387) e ficou lacrado por 35 anos nos arquivos da *Fundação* (BORTOLOTI, 2015). Nas partes não publicadas, Mário discorre sobre sua “falada” sexualidade:

Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto. Mas em que podia ajuntar em grandeza ou melhoria para nós ambos, para você, ou para mim, comentarmos e eu elucidar você sobre



a minha tão falada (pelos outros) homossexualidade? (apud BORTOLOTI, 2015).

A matéria do G1 justapôs à revelação algumas “divergências com Oswald de Andrade” (BOECKEL, 2015), e enfatizou a recalcitrância ao assunto tanto da parte de Mário, quanto da família e da *Fundação*, presidida à época por Lia Calabre, que assim interpretou o teor da carta: “é um questionamento atual da invasão de privacidade e da necessidade de se justificar a cada passo que se dá” (BOECKEL, 2015). Ao citar o trecho liberado, a reportagem omite a primeira frase em que Mário afirma que não desmente sua ‘fama’, e inicia pelo questionamento da utilidade do assunto (“Mas em que podia juntar...”). A omissão do “não desminto” turva o sentido de uma revelação, e atesta um enquadramento editorial ambíguo que prefere dizer que Mário “cita ‘tão falada homossexualidade’ em carta proibida” (BOECKEL, 2015), como se fosse chocante ouvir de Mário: “não desminto minha homossexualidade”, ao mesmo tempo que a ideia de proibição medeia um erotismo pecaminoso. A frase completa é reproduzida por Bortoloti, na Revista *Época* (BORTOLOTI, 2015).

De fato, Mário de Andrade protesta contra a exploração de sua vida privada: “em toda vida tem duas vidas, a social e a particular, na particular isso só interessa a mim e na social você não conseguia evitar a socialização absolutamente desprezível dum verdade inicial” (apud BORTOLOTI, 2015). Diante dos “socializadores” de sua vida particular, Mário porta-se com discrição: “sou incapaz de convidar um companheiro daqui a sair sozinho comigo na rua, e se saio com alguém é porque esse alguém me convida, se toco no assunto é porque se poderia tirar dele um argumento para explicar minhas amizades platônicas, só minhas” (apud BORTOLOTI, 2015). Por outro lado, a revelação discreta da sexualidade ao amigo não é motivada por recalque: “me deixe afirmar que não tenho nenhum sequestro não. Os sequestros nuns casos como este onde o físico que é burro e nunca se esconde entra em linha de conta como argumento decisivo, os sequestros são impossíveis” (apud BORTOLOTI, 2015). “Sequestro” é a tradução que Mário faz da palavra *refoulement* (repressão ou recalque), retirada de uma tradução francesa dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Sigmund Freud (SINGER, 2000). O “físico burro” de Mário é possivelmente o signo evidente que impede o recalque, e ele sabe precisamente do que trata ao formular com uma clareza e “sinceridade absoluta” (apud BORTOLOTI, 2015), a Manuel Bandeira, que o incontornável de sua posição só encontra contornos na separação entre vida pública e privada.



O argumento dessa separação, necessária à sobrevivência de um autor *queer* no Brasil dos anos 1920, encontra sobrevida anacrônica até aquele ano de 2015, de modo que a pergunta a respeito do autor e da pessoa parece ser a questão: que Mário? Como se o fato da sexualidade pudesse dizer “do” Mário (este sujeito privado evocado pelo prenome numa aproximação coloquialmente íntima), mas não “de” Mário de Andrade (este sujeito público associado à função de autoria); uma sexualidade que, por não interessar, nada diz do autor, embora dela muito se falasse e sem que o Mário a desmentisse. Na contramão do argumento, Silvano Santiago pontuava:

A carta era um documento praticamente mítico. Não há novidade, porque a questão era sabida, meio consensual, mas sua não-revelação atrapalhava a compreensão da obra de Mário de Andrade e de sua figura intelectual. Agora há um extenso trabalho pela frente, que é tratar daquela que eu julgo ser a grande questão libertária do novo milênio: a sexualidade. A grande questão a ser estudada hoje, em Mário, é essa. (...) Acho que houve uma conspiração do pudor em não revelar a íntegra da carta porque se trata de um tema tabu. Se não, essa carta não teria sido proibida, não haveria tanta curiosidade em torno dela e agora, revelada, não estaria fazendo tanto barulho (RITTO; KUSUMOTO; CARNEIRO, 2015).

No ano da publicação desta ‘revelação’, Mário de Andrade foi o homenageado da *Festa Literária de Paraty* (FLIP). Na conferência de encerramento, José Miguel Wisnik analisou a carta “sequestrada” (MEIRELES, 2015). Para Wisnik, a carta é “um comentário sobre a vida sexual em tempos de miséria, nos quais a pessoa não pode ser nada senão o que já foi formatado” (MEIRELES, 2015). Ele considera que “o segredo do mulato é mais importante do que o segredo do gay. E ele está ligado a duas figuras centrais da cultura brasileira, Mário de Andrade e Machado de Assis” (MEIRELES, 2015). O *pendant* da importância parece estar, portanto, no fortalecimento das relações do cânone por meio da inclusão da racialidade. Para situar a distinção que Wisnik faz entre os “segredos”, cabe lembrar que, à época (2015), apesar de um forte debate das intersecções entre raça e gênero desde os anos 1970 no Brasil, o silenciamento de uma academia branca e cis-temática não concebia a hipótese de uma análise interseccional, que agora acolhe como moeda miúda a ponto de, às vezes, não saber exatamente do que se trata. Isso também transparece nas categorias mobilizadas por Wisnik: o “mulato” e o “gay”. É inegável que a negritude de Machado e de Mário seja um marcador crucial, sobre o qual a ideologia da branquitude sempre



silenciou; em perspectiva interseccional, porém, isso paradoxalmente torna mais importante a sexualidade de Mário, sobre a qual, embora falada, repousa o que Jonathan Silin, Eve Sedgwick e Shoshana Felman definem como “nossa paixão pela ignorância: o desejo paradoxal de não saber aquilo que já sabemos, o trabalho apaixonado da negação e da denegação” (BRITZMAN, 2019, p. 115). Assim prossegue Wisnik:

O que Mário está dizendo é que, se isso é assumido publicamente, naquele momento não pode virar nada além de fofoca. Porque, na verdade, a vida sexual é um enigma. Em algum lugar, Lacan diz que ninguém sabe a vida sexual de ninguém, o resto é fofoca. O sexo é esse impenetrável, esse irreduzível (MEIRELES, 2015).

Por outro lado, Wisnik associa de modo instigante a impenetrabilidade do sexo ao “físico burro” que “não se esconde”:

Ele [Mário] está dizendo: o meu corpo diz a minha pansexualidade irreduzível. O meu corpo diz a minha sexualidade monstruosa. E sobre isto eu nada poderia fazer, mesmo que equacione todos os aspectos, de modo a lidar com isso. Essa carta revela o inesperado, porque não revela episódios e anedotas, mas o essencial (MEIRELES, 2015).

O inesperado essencial no lugar de anedotas é precisamente a articulação desse impenetrável na linguagem, pois, se raça e gênero em geral são bem evidentes, a sexualidade é questionavelmente “atribuída” a partir de performance corporal e de “fofocas” – ou então precisa ser enunciada. Se Mário *confessa* ao delicado amigo Manuel, ele *enuncia* aquilo que dele se depreendeu socialmente, e que sabemos por meio da brutalidade misógina, racista e homofóbica de Oswald de Andrade, que insultou Mário ao chamá-lo de “Miss Macunaíma”, “Oscar Wilde pelas costas” e “boneca de piche” (VERGARA, 2015, p.99, p. 101, p. 109); sobre isso, a matéria do G1 a respeito das “divergências com Oswald de Andrade” nada comenta (BOECKEL, 2015). Mas o esperado da carta no registro da fofoca talvez fosse, como apontou Wisnik, a revelação de quem seria o “amor homoerótico tão bem expresso” no poema *O Girassol da Madrugada* (MEIRELES, 2015). Sem negligenciar a negritude de Mário, embora não se trate de saber quem é R.G. a quem o poema é dedicado, talvez a articulação da dedicatória com a carta e o teor de verdade do poema exijam colocar em primeiro plano a sexualidade como aquilo que se abre como questão em Mário de Andrade.

Antes de perseguir com “curiosidade” a deixa de Wisnik, gostaria de situar mais um emaranhado produzido pela cobertura jornalística da abertura da carta. No campo de uma apreciação produtiva da sexualidade



de Mário, além de Silviano Santiago, ninguém menos que João Silvério Trevisan considerou sua homossexualidade um “aspecto importante que certamente pode despejar luz sobre seu legado” (RITTO; KUSUMOTO; CARNEIRO, 2015). Para Trevisan, o tipo de tratamento dado ao assunto, numa espécie de “conspiração do silêncio sobre a homossexualidade”, é característico da intelectualidade brasileira que deseja calar sobre o que não lhe convém; declara inclusive ter relatos enfáticos sobre a suspeita da homossexualidade de Guimarães Rosa, posteriormente desautorizados (RITTO; KUSUMOTO; CARNEIRO, 2015). A afirmação de Trevisan nos ensina que a homossexualidade é um marcador que precisa ser relativizado ou mesmo extirpado na constituição do cânone, porque é pensado pelo prisma de uma masculinidade branca presunçosamente não localizada, que curiosamente não se deixa afetar. Já o biógrafo Eduardo Jardim analisa a questão de um ponto de vista do entrelaçamento vida-obra, como se a carta revelasse na personalidade de Mário antes uma “tensão entre o amor carnal, que é físico e sexual, e o amor sublime, espiritualizado, como o que ele demonstra ter pela amizade de Manuel Bandeira” (RITTO; KUSUMOTO; CARNEIRO, 2015). Para Jardim, essa tensão vincula vida e escrita, e a pansexualidade de Mário apontaria para uma bissexualidade; ele ainda remete ao contexto social mais opressor da época para explicar o cuidado contido de Mário ao lidar com a questão. Por fim, a já mencionada Lia Calabre manifestava o temor de que a decisão da CGU pudesse ter “um efeito negativo a longo prazo sobre futuros doadores.” Para ela, “deixar de expor um conteúdo a pedido do próprio dono não é censura. Estamos falando de documentos privados. A decisão de revelar ou não tem de ser da família” (RITTO; KUSUMOTO; CARNEIRO, 2015). Segundo Calabre, a falta de “segurança jurídica” sobre a questão precisaria ser discutida, pois a decisão poderia impedir a doação de documentos necessários à “preservação da memória do país” por parte de familiares que desejem expressamente sigilo. Caberia então perguntar como é possível preservar a memória no sigilo; pois a sexualidade do Mário também é a de Mário de Andrade, duas figuras cuja vida privada e feitos públicos estão entrelaçados. A sexualidade socialmente rechaçada (não por Mário, que não admitia “sequestros”) também é parte da memória do país, uma memória de silenciamento e apagamento sistemático da dissidência de pessoas *queer*. Tratar a questão no registro do desejo de sigilo é como encaixar uma chave velha na porta de um armário apodrecido pelo tempo. Mas é claro que talvez só possamos falar de Mário de Andrade, embora a confissão do Mário nos jogue alguma luz sobre o homoerotismo de sua literatura.



A conspiração do silêncio

Volto então à pista de Wisnik. Até onde posso ver em minha curiosidade *queer*, leiga e (in)disciplinada, o borramento das fronteiras entre sexualidade e análise literária é bem encaminhado na bela leitura de Leandro Pasini (2011), quatro anos antes da “revelação” da carta. Dentro do que Pasini articula como “amor realizado” (PASINI, 2011, pp. 141-161), o *Girassol da Madrugada* (ANDRADE, 2005, pp. 263-264) passa em revista, na parte V, seus quatro amores:

O primeiro era moça donzela
O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,
O terceiro era a rica senhora,
O quarto és tu... (versos 44-47)

Enquanto os três primeiros são identificáveis na obra de Mário (*Losango cáqui, Poemas da Negra e Tempo de Maria*), o quarto é o destinatário de uma relação secreta trabalhada na rarefação das formas artísticas e no interior de uma “ambientação translúcida e realidades desmaterializadas” (PASINI, 2011, p.152). *Girassol da Madrugada* é composto por uma solidão suave, em tonalidades douradas:

De uma cantante alegria onde riem-se as alvas uiaras
Te olho como se deve olhar, contemplação,
E a lâmina que a luz tauria de indolências
É toda esplendor de ti, riso escolhido no céu. (versos 1-4)

Assim. Que jamais um pudor te humanize. É feliz
Deixar que o meu olhar te conceda o que é teu,
Carne que é flor de girassol! sombra de anil!
Eu encontro em mim mesmo uma espécie de abril
Em que se espalha o teu sinal, suave, perpetuamente. (versos 5-9)

O poeta olha para o amor contemplado desde o alegre riso musical das uiaras (mães-d’água e também sereias), o amor-riso escolhido no céu que resplandece na lâmina incrustada, douradamente enfeitada (tauxiada) de indolências. Nesse olhar que concede o que é do amor-carne (flor de girassol), há um protesto contra o pudor humanizante que, supostamente, não deixaria o amor exposto ao olhar que encontra em si os sinais suaves e perpetuamente espalhados do objeto amado. Há todo um jogo de olhar,



de desnudamento luminoso que acontece na madrugada. Segundo Pasini, a recusa do pudor estaria na recusa da “invisibilidade dos amorosos diante da vida”, pois eles “não querem subtrair-se, mas elevar-se sobre a existência, em uma purificação de sentido ascensional” (PASINI, 2011, p. 152). O horizonte dessa elevação constituiria um ideal do poema, que almeja por uma ampliação do processo no tempo (“perpetuamente”, v.9), cuja dinâmica é de uma “série de espelhamentos e indiferenciações, de finas implicações poéticas e sexuais” (PASINI, 2011, p. 152). Para Pasini, residiria aí uma indistinção de gênero evidente, diríamos, numa relação eu-tu (eu-você) em que o objeto do amor não recebe um gênero a não ser pelas coisas que o representam: “riso” (v.4), “carne” (v.7), “flor” (v.7), “sombra” (v.7) etc.; embora o poeta seja um “eu mesmo” (v.8). Dessa indistinção resultaria uma realização amorosa dessexualizada que teria como ápice não o gozo do corpo, mas o “espelhamento das almas” (PASINI, 2011, p. 153):

porquanto o caminho foi longo,
Abrindo o nosso passo através dos espelhos maduros. (versos 12-13)

Há, nesse caminho, uma recusa dos “gestos traiçoeiros” (v.10) do amor como luta, em favor da paz de um caminho de rarefação – em que o corpo amado se desfaz e silencia:

Você não diz, porém o vosso corpo está delindo no ar, (verso 14)

A “sublimação incorpórea” (PASINI, 2011, p. 154) junto ao silêncio (“você não diz”) do corpo “delindo” (de *delir*, dissolver, desaparecer, extinguir-se) é a cena adequada ao olhar “como se deve” (v.2), sem que a palavra pese na caminhada para o belo desfazimento que conjuga a violência do ato e a leveza atenuada pelo som do gerúndio “de-lindo”. Apesar da ascensão leve, algo ainda pesa para o poeta que não abandonará “jamais de-noite as [tuas] carícias” (v. 29), que será assaltado com seu amor pelas “malícias da poeira / Em que o sol chapeará torvelins uniformes” (v.31-32). O que pesa à noite é a própria “Divindade” que

muito naturalmente virá.
Agressiva Ela virá sentar em nosso teto,
E seus monstruosos pés pesarão sobre nossas cabeças,
De-noite, sobre nossas cabeças inutilizadas pelo amor. (versos 35-38)



O amor supera o peso da “divindade” enquanto lei, severidade e punição, desfazendo-se nas carícias noturnas e inutilizando as cabeças (a racionalidade) em favor de um florescimento (PASINI, 2011, p. 154). Pasini ainda retoma a imagem das “alvas uiaras” (v.1), que na primeira versão eram “sereias”, para apontar os riscos da relação amorosa. Nesse sentido, como as uiaras seduzem os mortais pelo canto e os levam à morte, também a cena que abre o poema estaria atravessada pela ameaça de prisão do sujeito ao passado (PASINI, 2011, p. 155). A aproximação do passado como tempo de vida e de maturidade denotaria a maturação sexual figurada nos “espelhos maduros” (v.13). Na obra de Mário, o tratamento freudiano da imaturidade sexual apareceria no conto *Frederico Paciência*, que o intérprete explora no sentido das afinidades com *Girassol da Madrugada*, e constata em ambos os textos “descrições do desejo homoerótico como algo sublimado e belo, o qual resiste, a duras penas, à reprovação social objetiva e à reprovação subjetiva introjetada” (PASINI, 2011, p. 156). Ao cabo, esses entrecruzamentos entre polimorfia e maturação ecoariam a enunciação de uma pansexualidade que Mário assume para si como uma “assombrosa, quase absurda sensualidade” (apud PASINI, 2011, p. 156) que encontra expressão acabada em *Girassol da Madrugada*, precisamente no tratamento linguístico que dissolve o peso das injunções discursivas que ameaçam a vida privada do autor.

Mas há uma imagem de beleza ímpar de *Girassol da Madrugada* que gostaria de evocar para encaminhar essas reflexões no sentido de uma articulação languageira que Mário faz do “impenetrável do sexo”.

Os trens-de-ferro estão longe, as florestas e as bonitas cidades,
Não há senão Narciso entre nós dois, lagoa,
Já se perdeu saciado o desperdício das uiaras,
Há só meu êxtase pousando devagar sobre você. (versos 48-51)

Ôh que pureza sem impaciência nos calma
Numa fragrância imaterial, enquanto os dois corpos se agradam,
Impossíveis que nem a morte e os bons princípios.
Que silêncio caiu sobre a vossa paisagem de excesso dourado!
Nem beijo, nem brisa... Só, no antro da noite, a insônia apaixonada
Em que a paz interior brinca de ser tristeza. (versos 52-57)

Os amantes estão isolados de tudo que os pudesse sujeitar (trens, florestas, cidades); entre ambos (o eu e a lagoa) apenas Narciso e a identificação do olhar (ver-a-si-mesmo) no outro, também sem o risco da



sujeição ao passado (“já se perdeu o desperdício das uíaras”, v.50), num transporte para fora de si (êxtase) que pousa devagar sobre o outro; e como o transportado é absorvido num olhar que se afasta do sensível e se aproxima devagar do amado, a imagem de Narciso não se torna disforme pelo toque da superfície da água, porque o êxtase é uma “fragrância imaterial” simultânea aos “corpos” que “se agradam” (v.53). Há uma melancolia fingida (paz que brinca de tristeza), porque o êxtase rarefeito paira “perpetuamente” (v.9) sobre si mesmo, como sobre Narciso.

Se, para Pasini, o problema essencial do poema é dizer o “pecado nefando” e “tornar traço essencial do sujeito aquilo que socialmente o torna um sujeito inaceitável” (PASINI, 2011, p. 160), então estamos diante de uma prática *queer* autoconsciente de Mário no que diz respeito ao que não “sequestra” de seu “físico burro”. O impenetrável do sexo articulado na linguagem está no dizer silencioso, na força suave de um olhar que não devora seu objeto de amor, e naquilo que “o poema busca exprimir com palavras” e “que se alcança pelo silêncio” (PASINI, 2011, p.159). A confissão tardiamente revelada de Mário a Bandeira fura a bolha da “conspiração do silêncio” (J. S. Trevisan), ao mesmo tempo que sua poesia conspira silenciosamente em favor da sensualidade monstruosa com a qual ele nos seduz, à luz das carícias dos amantes na madrugada. As duas coisas se encontram maravilhosamente no tempo em que a sexualidade emerge liberada como a grande questão de Mário de Andrade (S. Santiago).

Referências

ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Garnier, 2005.

BOECKEL, Cristina. Mário de Andrade cita 'tão falada homossexualidade' em carta proibida. **G1**. Rio de Janeiro, s.p. jun. 2015. Disponível em: <https://glo.bo/1BmmeT3>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BORTOLOTTI, Marcelo. A carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade. **Revista Época**. Rio de Janeiro, p. 1-1. jun. 2015. Disponível em: <https://acesse.one/EnRLF>. Acesso em: 08 jul. 2023.



BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica / Argos, 2019. p. 105-142.

MEIRELES, Maurício. 'O sexo é impenetrável', diz José Miguel Wisnik sobre carta secreta de Mário de Andrade. **O Globo**. Rio de Janeiro, s.p. jul. 2015. Disponível em: <https://l1nk.dev/p1lEo>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp/Ieb, 2000.

PASINI, Leandro. **A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade**. 2011. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bwz68>. Acesso em: 12 jul. 2023.

RITTO, Cecilia; KUSUMOTO, Meire; CARNEIRO, Raquel. Carta de Mário de Andrade rompe “conspiração do pudor”. **Revista Veja**. São Paulo, jun. 2015, s.p. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ilWZ2>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SINGER, André. Mário de Andrade no divã de Freud em mostra brasileira. **Folha de São Paulo**. São Paulo, set. 2000. Ilustrada, s.p. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jwRW2>. Acesso em: 08 jul. 2023.

VERGARA, Jorge. Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade. **Revista Vórtex**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 98-126, dez. 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zIMQ2>. Acesso em: 09 jul. 2023.



“Sex Is Impenetrable”: A Brief Essay On (Un)Disciplined Reading

ABSTRACT: Departing from a thought-provoking observation by José Miguel Wisnik on one letter in which Mário de Andrade writes about his homosexuality to Manuel Bandeira, the text intends to discuss some discursive strategies for the elaboration and enunciation of sexuality in regimes that reject dissent. The case raises the hypothesis of a desire for power that operates by extirpating the unavoidable data of sexuality for queer people who articulate their projects in terms of authorship, especially when the subsequent historical-philosophical-literary narrative aims to frame this authorship in a canon. The late revelation of the letter shed light on an environment in which rejection appears as justification for a desire for secrecy, with the presumption of legal safeguarding of memory and history. The case can be thought of as a progressive and eloquent erasure of the localized marks of a canon's subject, in the establishment of what he/she leaves as a legacy. If “sex is impenetrable”, in Wisnik's expression, this also about the opacity of what is captured in the interpretation of works articulated by dissident subjects as authors. At the very end, Mário de Andrade's successful poetic strategy manipulates silence to say about himself what is prohibited by speech.

KEYWORDS: Sexuality. Authorship. Mário de Andrade.

Wagner de Avila QUEVEDO

Professor de Filosofia do Instituto Federal do Rio de Janeiro, com formação em filosofia e teoria literária nas seguintes universidades: UFPel, Unicamp, FU-Berlin, UFMG e Humboldt Universität zu Berlin. Temas de interesse: História da Filosofia Moderna, Romantismo Alemão, Idealismo Alemão, século XVIII, Kant, Fichte, Hölderlin, Feminismo, Estudos de Gênero e Teoria Queer.

Recebido em: 12/07/2023

Aprovado em: 09/10/2023